

DEPENDÊ

Meu pai faria ontem 104 anos. Nascido na fazenda Limeira, imediações de Franca, começou a trabalhar cedo, órfão de mãe e filho de um funcionário público da Prefeitura local. Após concluir o curso de contabilidade (ou guarda-livros, como brincava), fez concurso para o Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais, assumindo o cargo de contador na agência de Araguari no triângulo mineiro em 1944, casando logo em seguida e carregando minha mãe para as Minas Gerais, onde teve seu primeiro filho, meu irmão mais velho Gonzaga. Foi lá, naqueles primeiros anos de casamento que foi iniciado na maçonaria e, quando retornou em 1949, transferiu-se para a Loja Maçônica “Amor a Virtude”, a mais antiga da Franca do Imperador, criada em 1870 no centro da cidade, na antiga Travessa da Maçonaria, hoje Rua André Martins. Participou da loja local enquanto teve saúde, foi seu grão-mestre, o título mais alto, sempre pensando nos outros e ajudando pessoas.

A maçonaria foi criada 300 anos atrás na França e se expandiu pelo mundo como uma sociedade masculina. Atualmente, é uma instituição conservadora e reacionária politicamente que talvez ainda pratique a caridade e o trabalho social, pois sofre forte influência política da extrema direita, não é segredo para ninguém. Não é religião, mas exige fé, aceitando membros de diversas delas, mas requer a crença em um Criador, sem impor dogmas religiosos. Não é secreta, mas é discreta. Continua machista até hoje, tempos em que a desigualdade de gênero vem sendo muito justamente cada vez mais colocada em xeque através de ações afirmativas, necessárias para a igualdade avançar mais rapidamente.

Naqueles anos 1940-50, quando meu pai começou na maçonaria a religião católica era a escolhida pela maioria das pessoas, amplamente majoritária e tinha enorme influência na sociedade. Os padres locais faziam campanha abertamente contra a maçonaria e o espiritismo que crescia em Franca sob a liderança de pessoas como o dr. Novelino e as ações educacionais da Fundação Pestalozzi, criada em 1944. Tudo que considerava uma ameaça ao seu poder a Igreja Católica rejeitava, contava meu pai, que se traduzia na manutenção de uma certa ideia das pessoas que era uma sociedade secreta “do diabo”. Para meu pai, a maçonaria era apenas uma forma de ajudar as pessoas.

Como sabem, nos anos Bolsonaro o Brasil havia voltado a ser um país incluído pela ONU no Mapa da Fome e só recentemente, com as ações do governo Lula, voltou a sair. Naqueles anos 1950, a fome e a pobreza extrema eram recorrentes e a ação do poder público limitada nesse campo. A maçonaria local resolveu desenvolver ações que envolviam a distribuição de cestas básicas a famílias carentes. Esbarraram num problema insuspeitado pelos maçons: quando chegavam às casas das famílias para a entrega, as pessoas perguntavam de onde vinha a cesta básica. Ao saber que era da maçonaria, recusavam, alegando que os padres diziam que a maçonaria seria parte do demônio, os “bodes pretos” adoradores de Baphomet, criatura diabólica para o cristianismo.

Ao saber disso, meu pai teve uma ideia para a distribuição das cestas: “se o problema é esse, é fácil resolver. Digam que quem enviou foi o Frei Custódio da Capelinha”. Assim fizeram, nenhuma família recusou a cesta básica e a entrega foi rapidamente encerrada. Só Frei Custódio, o bonachão diretor da revista católica “O Mensageiro de Santa Rita”, conhecido como “Frei Facadinha” por sua busca de patrocínio para a edição da revista junto ao comércio e a indústria ficou sem entender nada quando as pessoas o agradeciam pelos alimentos.

Lembro dessa passagem quando dizem que a sociedade está polarizada, vejo energúmenos rasgando chinelas ou criticando o Bolsa-Família, como o mundo mudou pouco desde então, quando as pessoas até aceitavam passar fome em nome de uma radicalidade sem sentido.

Mauro Ferreira é arquiteto